

Vozes Silenciadas, Histórias Compartilhadas: relato de experiência sobre extensão interdisciplinar e debate étnico-racial no ensino superior¹

Isael de Sousa Pereira²
Amilton Macário de Araújo Ferreira³
Instituto de Educação Superior Raimundo Sá

RESUMO:

Este estudo apresenta um relato de experiência sobre o projeto de extensão interdisciplinar “Vozes Silenciadas, Histórias Compartilhadas”, desenvolvido no Instituto de Educação Superior Raimundo Sá, em Picos-PI, com foco no debate étnico-racial no ensino superior. Fundamenta-se em autores como Munanga (2005) e Almeida (2019), que discutem raça e racismo como construções sociais e estruturais. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, com abordagem qualitativa, de caráter participativo, baseada em módulos formativos, visita técnica e produção de materiais. Os resultados evidenciam o potencial da extensão universitária na construção de práticas antirracistas.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo. Étnico-racial. Ensino Superior. Extensão

INTRODUÇÃO:

As relações étnico-raciais constituem um dos pilares para a compreensão da sociedade contemporânea. O silenciamento de memórias e a reprodução de práticas discriminatórias evidenciam a urgência de promover espaços de diálogo e reconstrução de narrativas que contemplem a diversidade racial no Brasil. A universidade deve assumir o compromisso ético-político com a construção de uma sociedade antirracista.

Nesse contexto, a formação de uma consciência crítica deve ser pautada no respeito à diversidade e na superação das opressões históricas. Como aponta Munanga (2005), o racismo no Brasil é estruturante, enquanto Almeida (2019) o compreende como dimensão constitutiva das relações sociais.

Diante disso, o Instituto de Educação Superior Raimundo Sá, por meio dos cursos de Jornalismo, Serviço Social e Psicologia, desenvolveu o projeto de extensão interdisciplinar “Vozes Silenciadas, Histórias Compartilhadas: reconstruindo narrativas étnico raciais”, com o objetivo de promover a formação crítica da comunidade acadêmica

¹ Trabalho apresentado na Jornada de Extensão, evento integrante da programação do 26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de julho de 2026.

² Mestre em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (UNEB). Especialista em Gestão de Marketing e Mídias Digitais (IESRSÁ). Bacharel em Jornalismo (IESRSÁ). Professor do curso de Bacharelado em Jornalismo do Instituto de Educação Superior Raimundo Sá. E-mail: isael.sousa27@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0591329665067324>.

³ Discente do curso de Bacharelado em Jornalismo do Instituto de Educação Superior Raimundo Sá. E-mail: amiltommacario@gmail.com.

por meio do debate étnico-racial. O projeto ocorreu entre setembro e dezembro de 2025, envolvendo estudantes, docentes e técnicos administrativos, com atividades formativas e visita técnica ao Quilombo Custaneira, localizado no município de Paquetá do Piauí.

A justificativa para a realização deste projeto ancora-se na necessidade de fortalecer uma formação acadêmica que vá além do domínio técnico, incorporando dimensões éticas, sociais e políticas. No curso de Jornalismo essa discussão torna-se ainda mais relevante, uma vez que os futuros profissionais da comunicação atuam diretamente na produção de sentidos sociais e na construção de narrativas sobre diferentes grupos e territórios, como produto prático os alunos do curso de Jornalismo produziram um documentário⁴ e uma série de fotografias que foi exposta em mural e redes sociais⁵.

O projeto foi estruturado em cinco módulos temáticos, além de uma visita técnica ao Quilombo Custaneira, no município de Paquetá do Piauí, e uma culminância final com socialização das experiências e produções dos participantes.

REFERENCIAL TEÓRICO

O conceito de raça, enquanto classificação humana, tem origem nas ciências naturais, utilizadas inicialmente para categorizar espécies de animais e vegetais. A partir do século XV, passou-se a aplicá-lo aos seres humanos, com a “descoberta” de novos povos e etnias durante o processo colonial, o que evidenciou diferenças físicas e culturais — como cor da pele, cabelo, estrutura corporal e idioma —, desafiando o modelo ocidental de civilização (Munanga, 2003).

No século XX, os avanços da genética identificaram outros elementos, como o sangue e determinados componentes químicos, como critérios para definição de “raça”. A miscigenação foi apontada como fator da diversidade atual, originando diferentes subtipos raciais com variadas características físicas. Para Munanga (2003), a genética concluiu que “raça” não é um conceito biológico, mas sim uma construção social, insuficiente para explicar a complexidade da diversidade humana.

Almeida (2019) reforça que “raça”, como categoria analítica, deve ser compreendida historicamente e em sua relação com as estruturas políticas e econômicas.

⁴ Documentário produzido a partir do projeto de extensão, disponível em: https://www.instagram.com/reel/C12ooOZP-cb/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

⁵ Algumas fotografias produzidas durante a visita a comunidade, disponível em: https://www.instagram.com/p/Czv7diqcZl/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Assim, entende-se a raça como expressão de dominação política e subjugação de indivíduos com base em traços físicos, o que promoveu etnocídios em massa e o enriquecimento de elites por meio da exploração de sociedades em formação.

Dessa concepção derivam outros conceitos, como preconceito, discriminação racial e racismo. Este último é entendido como “uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam” (Almeida, 2019, p. 22).

É possível analisar o racismo em várias esferas sociais: no mercado de trabalho, na violência policial, no acesso à educação e na violência contra a mulher. É essencial promover o debate étnico-racial no ensino superior. Os docentes precisam estar atentos às transformações sociais e incorporar essas questões em sala de aula.

Contudo, ainda existem desafios, muitos deles relacionados à formação docente — seja no plano individual ou na formação institucional. Com frequência, o debate étnico-racial é restrito a poucos professores, que o abordam por afinidade temática ou por trajetória acadêmica, geralmente no âmbito da pós-graduação (Lourenço; Lima; Narciso, 2016). Trazer esse debate para a universidade significa defender uma formação que sustente práticas de educação antirracista, entendida como “um modelo de educação em que se tem um compromisso real de estabelecer ações políticas de mobilização e de conscientização das práticas antirracistas no contexto escolar” (Sousa et al., 2022, p. 3).

É evidente que o ensino superior passou por mudanças, onde se exige cada vez mais uma formação crítica e socialmente engajada, o que implica rever práticas metodológicas, superando o teorismo e promovendo a problematização de situações reais. A educação antirracista, nesse contexto, articula teoria e prática, visibiliza a marginalização da cultura negra e incentiva a reflexão sobre a realidade social, política, econômica e educacional do país, forjadas sobre uma estrutura racista (Sousa et al., 2022).

Trabalhar com a perspectiva da educação antirracista exige uma ressignificação da postura docente. O professor deve contribuir para que o ensino superior não reproduza o racismo estrutural, mas se torne um agente de mudança. É necessário fazer uma crítica a própria universidade, ainda marcada pela baixa presença de jovens negros. Projetos de extensão, pesquisas e práticas pedagógicas comprometidas com essa pauta são fundamentais para promover transformações sociais que devem começar nesse espaço.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, desenvolvido a partir de uma proposta de extensão interdisciplinar no Instituto de Educação Superior Raimundo Sá, no segundo semestre de 2025. A metodologia do projeto adotou uma abordagem participativa e dialógica, fundamentada na educação emancipadora. Participaram 20 estudantes dos cursos de Jornalismo, Psicologia e Serviço Social, que foram selecionados por meio de uma carta de intenção, que levava em consideração o interesse do aluno pela temática e possíveis pesquisas desenvolvidas na área.

As atividades que ocorreram entre setembro e dezembro de 2025, foram organizadas em cinco módulos temáticos formativos, visita técnica e culminância final. Foram utilizadas estratégias como exposições dialogadas, rodas de conversa, análise de materiais e produção textual.

Além dos 5 encontros formativos presenciais realizados na IES que contou com a colaboração de docentes externos, o projeto visitou a comunidade quilombola Custaneira, localizada no município de Paquetá do Piauí, firmando de fato a ação extensionistas depois de uma longa preparação dos alunos. O projeto promoveu imersão cultural e produção de documentário por parte dos alunos do curso de Jornalismo. Os dados foram sistematizados a partir de observação participante, registros escritos e depoimentos.

RESULTADOS

Ao longo do desenvolvimento do projeto, as atividades formativas foram organizadas em cinco módulos temáticos que possibilitaram uma construção progressiva do debate étnico-racial. O primeiro módulo: “*Desvendando conceitos: raça, etnia e interseccionalidades*”, abordou a compreensão da raça como construção social, diferenciando-a do conceito de etnia e destacando a interseccionalidade como elemento fundamental para compreender a atuação simultânea das opressões de gênero, classe e raça, promovendo reflexões críticas sobre desigualdades estruturais.

Na sequência, o segundo módulo, “*Cores da convivência: compreendendo as relações étnico-raciais no Brasil*”, aprofundou a discussão sobre o racismo na sociedade brasileira, com ênfase no mito da democracia racial, nas heranças do processo escravocrata e na invisibilização da temática nos currículos educacionais, evidenciando a

necessidade de uma formação crítica e descolonizada. O terceiro módulo, “*Reescrevendo narrativas: a representação do negro na mídia e seu impacto social*”, voltou-se para a análise do racismo midiático, discutindo a forma como a população negra é representada nos meios de comunicação, problematizando estereótipos e ressaltando a importância de um jornalismo ético, plural e comprometido com a diversidade.

Já o quarto módulo, “*Além do preconceito: questões legais e raciais em debate*”, trouxe as legislações antirracistas brasileiras, como a Constituição Federal e a Lei nº 7.716/89, discutindo seus avanços e limites, bem como a atuação do sistema jurídico frente às desigualdades raciais. O quinto módulo, “*Antirracismo na educação: desafios epistemológicos e enfrentamentos diários*”, problematizou o eurocentrismo presente nas práticas educacionais, defendendo a construção de uma educação antirracista, crítica e emancipadora, pautada na valorização de saberes historicamente marginalizados.

Como parte fundamental do percurso formativo, realizou-se a visita técnica ao Quilombo Custaneira, no município de Paquetá-PI, no dia 18 de novembro de 2025, configurando-se como um marco do projeto. A atividade promoveu uma imersão cultural que articulou história, ancestralidade, resistência e identidade, possibilitando aos participantes o contato direto com a realidade da comunidade quilombola, por meio de rodas de conversa, registros audiovisuais e escuta das lideranças locais. Essa experiência fortaleceu a compreensão da extensão universitária como espaço de diálogo entre saberes acadêmicos e saberes populares, contribuindo para uma formação ética e sensível.

Figura 01: Comunidade Acadêmica da Faculdade R.Sá durante visita ao Quilombo Custaneira



Fonte: Arquivo próprio (2025)

O processo formativo foi concluído com a culminância do projeto, realizada em 07 de dezembro de 2025, momento em que foram apresentados os produtos desenvolvidos pelos estudantes, como documentários, relatos e registros visuais, consolidando aprendizagens, reflexões e o fortalecimento de uma postura crítica frente às questões étnico-raciais.

CONSIDERAÇÕES

O projeto evidenciou o potencial transformador da extensão universitária na promoção de práticas antirracistas e formação crítica. A interdisciplinaridade contribuiu para uma formação mais ampla e sensível às questões sociais. Entretanto, persistem desafios, como a inserção tardia do debate racial na formação acadêmica e limitações estruturais das ações extensionistas. Recomenda-se a ampliação dessas iniciativas e sua institucionalização no currículo. A experiência reafirma a universidade como espaço de produção de conhecimento crítico e transformação social.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

LOURENÇO, Cléria Donizete da Silva. LIMA, Manolita Correia; NARCISO, Eliza Rezende Pinto. Formação pedagógica no ensino superior: o que diz a legislação e a literatura em Educação e Administração? In: **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 21, n. 3, p. 691-717, nov. 2016.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação**. Rio de Janeiro: 2003. [p.1-17].

SOUSA, Fausto Ricardo Silva; SOUSA, Lizandra Sodré; CARVALHO, Herli de Sousa; SILVEIRA, Francisca Morais da Silveira. Formação docente na perspectiva da educação antirracista como prática social In: **Revista Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 17, p. 1-16, 2022.